



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA COMO PROCESSO PEDAGÓGICO NAS RELAÇÕES DE ENSINO- APRENDIZAGEM

Autor (1) Arthur Manoel Andrade Barbosa; Co-autor (1) Itamara Weskla Brito Barbosa;

Orientadora: Prof. Dr. Paula Almeida de Castro

Universidade Estadual da Paraíba

Resumo:

Neste trabalho é apresentada a importância do processo pedagógico no diálogo entre variados saberes, mais especificamente entre as disciplinas de História e Literatura. A junção de romances, poemas, cordéis, contos, enfim, as mais diversas formas de produções literárias e de expressão artística da sociedade, associado ao conhecimento histórico e sua contribuição no processo social, fornece condições de análises da relação entre conteúdo e forma. Baseado em teorias pedagógicas e em práticas educacionais, essa discussão toma corpo na medida em que se baseia nos Parâmetros Curriculares Nacionais e em outras fontes que fortalecem o discurso interdisciplinar. Assim, o contexto histórico e as práticas pedagógicas da Literatura enriquecem o processo de ensino-aprendizagem e constituem uma importante fonte na produção do conhecimento histórico, fortalecendo a ideia de saberes que se completam, fornecendo à educação uma importante função intelectual em que, a partir de uma série de medidas nas práticas de ensino, a aprendizagem se adquira numa lógica pedagógica carregada de prazer, criatividade e estímulo, formando um amplo lugar de interdisciplinaridade. Ao longo deste artigo, as propostas e as ideias que fortalecem as bases do discurso interdisciplinar trarão fontes que reafirmam a influência positiva das práticas pedagógicas que tem como método a interligação e a contextualização dos diferentes temas, perpetuando essa metodologia como uma grande aliada no processo de ensino e agente facilitador dos mecanismos de aprendizagem

Palavras – chave: Interdisciplinaridade, História, Literatura.

Introdução

Neste artigo buscamos discutir as relações possíveis entre História e Literatura e indicar que a parceria entre esses dois campos de saber é carregada de riquezas, na qual se pode obter um conhecimento histórico através da Literatura, constituindo uma importante ferramenta pedagógica no processo de aprendizagem, onde ela pode, além disso, servir como forma de ver o mundo de outra forma, sob outra perspectiva.

É mais difícil separar a História da Literatura do que juntá-las, tendo em vista que uma sofre influência da outra, e a incansável busca por métodos pedagógicos mais acessíveis e prazerosos encontra nessa junção um meio de facilitação do conhecimento histórico, onde o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

saber relacionado à cultura de um povo, de um país, de uma civilização encontra na Literatura um caminho eficaz para sua operacionalização.

A mente sendo tomada como um espaço de criação e com sua magnífica capacidade, podemos mergulhar nas histórias e narrativas tidas como pertencentes ao conteúdo exclusivamente de História, associando a particularidades típicas da Literatura, assim, fazendo do conhecimento histórico um lugar de prazer, onde possamos nos jogar nos mecanismos pedagógicos que buscam o conhecimento de culturas próximas ou mesmo distantes, como a cultura árabe, onde a famosa obra *As mil e uma noites* representa um meio bem mais agradável e também complexo de conhecer os detalhes que atravessam essa cultura e que de certa forma fica no não dito, quando nos limitamos apenas ao que os livros didáticos nos fornecem.

Quando afirmamos o quanto é importante essa cumplicidade de saberes, é porque já nos foi provado o grau de benefícios que essa junção traz. É impossível dissociar a História da Literatura, e mais do que isto, é de fundamental importância pedagógica juntá-las. Outro exemplo é a *Iliada e a Odisseia* de Homero, que através de suas narrativas hoje podemos desfrutar o saber de uma parte da cultura grega, ou seja, outra vez a Literatura serve de base para o conhecimento histórico.

Estando ou não a História em primeiro plano, a Literatura sempre apresentar-se-á como ferramenta valiosa na compreensão dos processos históricos e das mudanças pelas quais as sociedades passaram ou ainda passam. Estudar a Literatura e a História numa perspectiva interdisciplinar favorece a compreensão e a assimilação de saberes, pois somos movidos por histórias e a Literatura é o testemunho da sociedade, nela podemos dar destaque àquilo que de certa forma fica obscuro e com pouca evidência, revelando as marcas e as mágoas, numa perspectiva duradoura, pois expressa mais um anseio de afirmação das narrativas do que uma ruptura.

Ao colocar em prática essas tendências educacionais, o resultado será sentido tanto pelo educador quanto pelos alunos, que sentirão o prazer de aprender temas, histórias e conteúdos por meios interdisciplinares, colocando cada parte desse projeto didático em seu respectivo lugar.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

METODOLOGIA: A relação entre História e Literatura

Partindo do pressuposto de que a interdisciplinaridade entre a História e a Literatura traz consigo o desenvolvimento de uma motivação no âmbito educacional, podemos dizer que este artigo propõe discutir as relações existentes entre essas disciplinas numa tentativa de aproximação que contribua para a produção do conhecimento histórico e para um novo olhar no que se refere ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que contribuam para o processo educacional.

As narrativas sejam elas históricas ou literárias, fornecem uma representação acerca da realidade, entendendo-se que a leitura, a escrita e a linguagem estão representadas no texto, e nesse texto é construída uma instância entre o produtor e o receptor. Estudar História pelos caminhos da Literatura é antes de tudo mergulhar nas sociedades, nas histórias, nas culturas, e também em seu próprio mundo.

Estudar os grandes acontecimentos históricos mundiais, ou mesmo fatos menos conhecidos somente sob os preceitos da historiografia constitui-se o meio de busca do conhecimento mais apropriado para a construção do conhecimento, porém, quando somamos o precioso saber histórico às práticas e saberes do mundo da Literatura, um grande mundo de encantos nos é fornecido, pois a Literatura proporciona uma liberdade de criação, através dos temas tratados, onde valores, motivos, normas, costumes de um determinado lugar ou época são postos em evidência. Existe maneira mais íntima de mergulhar no temido inverno europeu, e adentrar nos detalhes da 2ª guerra mundial do que o célebre livro *O diário de Anne Frank*?

O educador, título dado aos que fazem de sua profissão um meio de descobrir as habilidades e potencialidades encobertas dos alunos, tem a missão de seduzir os seus espectadores, fazendo com que tais alunos sintam o desejo de aprender. Quando os professores dão importância a inteligência dos seus alunos, desenvolvem um das maiores capacidades de um indivíduo, senão a maior, que é a nossa capacidade mental de criação.

Quando se envereda pelos caminhos da interdisciplinaridade notamos que através desse método podemos vivenciar e andar lado a lado com homens e lugares de outros séculos, outras culturas, outras maneiras de se portar no mundo. Através da Literatura podem-se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

romper os limites dos tempos históricos e sentir a liberdade que essa prática proporciona, possibilitando a idéia de viajar em outros tempos, nas fantasias, nos medos, nos anseios de homens e mulheres de outras épocas. No épico *A Iliada e a Odisséia*, pode-se perceber detalhes das mais variadas vertentes da mentalidade do povo grego antigo. Através dessa obra os segredos da religiosidade, da sexualidade, das técnicas de navegação, do olhar relacionado ao amor, enfim, tudo que envolvia o mundo grego antigo ganham expressividade e vida. As diferenças entre a História e a Literatura eram que uma se propunha a contar uma “história verdadeira” e a outra uma “história inventada”, e essa especialidade literária de se basear numa ficção, ou não, faz desse método um meio de narrar fatos com maiores possibilidades de acontecimentos, com fatos que poderiam acontecer ou não.

Na concepção de Edgar Morin (2005):

[...] a reforma necessária do pensamento é aquela que gera um pensamento do contexto e do complexo. O pensamento contextual busca sempre a relação de inseparabilidade e as inter-retroações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com o contexto planetário. O complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações, implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas (como a própria democracia, que é o sistema que se nutre de antagonismos e que, simultaneamente, os regula), que respeite a diversidade, ao mesmo tempo que a unidade, um pensamento organizador que conceba a relação recíproca entre todas as partes (MORIN, 2005, p. 23).

O professor que interliga os temas estudados pode facilmente ministrar aulas sobre a cultura árabe utilizando a obra *As Mil e uma Noites*, título de uma das mais famosas obras da literatura árabe, composta por uma coleção de contos escritos entre os séculos XIII e XVI, onde a cultura egípcia e persa é posta em evidência, sendo uma maneira de não se limitar apenas as menções feitas no livro didático escolar.

O que dizer também da possibilidade de estudar o nordeste brasileiro a partir de obras magníficas que tiveram a iniciativa de abordar esse tema como ferramenta na construção da história de um povo. Abordar os discursos e enunciados referentes ao nordeste brasileiro é por vezes um trabalho que busca mostrar as peculiaridades existentes nessa

cultura, assim, obras como *Vidas Secas*, *Morte e vida Severina*, claro, destacando os lugares de fala dos autores e o momento em que escreveram.

As abordagens teóricas fortalecem as propostas de interdisciplinaridade, onde se intensifica a afirmativa de que a troca de saberes e de suas especialidades resultarão em frutos cada vez mais positivos, para isso é de suma importância que os métodos, os conteúdos, as estruturas e os axiomas se complementem em relação às diversas formas e práticas pedagógicas das disciplinas. Japiassu (1976) destaca:

[...] do ponto de vista integrador, a interdisciplinaridade requer equilíbrio entre amplitude, profundidade e síntese. A amplitude assegura uma larga base de conhecimento e informação. A profundidade assegura o requisito disciplinar e/ou conhecimento e informação interdisciplinar para a tarefa a ser executada. A síntese assegura o processo integrador (JAPIASSU, 1976, p. 65-66).

RESULTADOS E DISCUSSÕES: Uma pedagogia da imaginação

Ruben Alves (2011) em seu livro *“Variações sobre o prazer”* passeia pelos caminhos da educação e faz algumas referências a respeito dos caminhos percorridos até se chegar ao objetivo desejado. Afirma ele que a maioria dos professores tem a tendência de ir direto ao ponto, como se o mais importante no processo educacional fosse o pragmatismo do resultado imediato, porém, embora, o aluno tenha que ter um resultado final em relação ao conteúdo estudado, é dever do professor fazer os alunos prestarem atenção nos caminhos trilhados que levaram até chegar ao ponto final, fazê-los dar valor ao que de alguma forma ficou despercebido e que na maioria das vezes é o que vai dar mais prazer. Mas qual o benefício de se estudar os detalhes e não o resultado em si? É no caminho do saber que os alunos despertam o lugar de criação, de imaginação, é assim que a inteligência fará seu papel de procurar o desconhecido que de alguma forma não foi ensinado.

Quando colocamos em prática o que aqui já foi mencionado, ou seja, o uso da literatura como parceira dos conteúdos históricos, estamos deixando a imaginação do aluno fruir, se desprender das amarras intelectuais que o deixam limitado a uma pedagogia pragmática. Mais uma vez Ruben Alves (2011) comenta a respeito de práticas pedagógicas libertadoras. Ele afirma que “ensinar a pensar é ensinar o pensamento a dançar no espaço em



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que as coisas que não existe, existem.” Ele ainda cita um pensamento de Paulo Freire, que por mais que fosse voltado para um público infantil serve também para todas as idades, que era o que ele chamava de “método bancário” onde os conhecimentos eram depositados como quem deposita dinheiro no banco, tornando o processo educacional pragmático e enfadonho, sem a presença de métodos interdisciplinares, ou mesmo sem a principal tarefa do professor, que é a de conduzir o aluno a sedutora arte de aprender.

Quando estudamos História do Brasil, uma boa introdução a esse assunto pode ser a primeira menção feita a este país, que foi através da carta de Caminha, onde ele descreve o que viu nas novas terras. Assim o professor pode usar a análise de Caminha em relação ao que ele viu e produzir um amplo debate em sala de aula, debatendo as intenções políticas presentes, a visão religiosa e social que a carta traz, e assim fazer uma análise da imagem do “Brasil” que Pero Vaz descreveu e como posteriormente se construiria a imagem de diversos “brasis”, principalmente no final do século XIX e início do XX.

A revisão do pensamento, da mentalidade e do olhar a respeito de novas e mais ousadas práticas no mundo educacional deve ser intensificada, buscando uma metodologia que faça o papel de libertadora de paradigmas que amarram as engrenagens do saber e da aprendizagem. A intensidade nas trocas de saberes faz uma fecundação intelectual impressionante, dando maior força à teoria que está no início desta discussão, que faz uma analogia entre o mundo agrícola e as práticas pedagógicas. Nas palavras de Japiassu:

Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir *incorporar* os resultados de várias especialidades, que *tomar de empréstimo* a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los *integrarem e convergirem*, depois de terem sido *comparados e julgados*. Donde poderemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para ligar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos (JAPIASSU, 1976, p. 75).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nesse sentido, a interdisciplinaridade será articuladora do processo de ensino e de aprendizagem na medida em que se produzir como atitude (Fazenda, 1979), como pressuposto na organização curricular, como fundamento para as opções metodológicas do ensinar, como modo de pensar, ou ainda como princípio orientador na formação dos métodos pedagógicos dos profissionais da educação. A interdisciplinaridade ganha mais força na contemporaneidade, onde o diálogo e a integração da ciência e do conhecimento buscam se distanciar das fragmentações dos saberes. O estabelecimento de um trabalho interdisciplinar pode provocar certo medo de errar, de cometer equívocos, mas essa prática pedagógica implica na busca pelo desconhecido, no romper dos hábitos, buscar cada vez mais os desafios que movem o campo educacional. As práticas interdisciplinares implicam em transformações pedagógicas que serão percebidas tanto pelos professores quanto pelos alunos. Para Ivani Fazenda (1979, p.48-49):

Passa-se de uma relação pedagógica baseada na transmissão do saber de uma disciplina ou matéria, que se estabelece segundo um modelo hierárquico linear, a uma relação pedagógica dialógica na qual a posição de um é a posição de todos. Nesses termos, o professor passa a ser o atuante, o crítico, o animador por excelência (FAZENDA, 1979, p.48-49).

Em contraste com o pensamento individualista moderno pode-se exemplificar já no século XX a Escola dos Annales, que através da chamada “Nova História” criada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, pensava uma forma de fazer dialogar os saberes em termos de História-problema. Com essa tendência, uma abertura de temas não muito percebidos até então passa a fazer parte das linhas de pesquisa de estudiosos, onde agora temas como o corpo, a família, a mulher, a criança, enfim, novos temas que os historiadores através de documentos como fotografias, depoimentos orais e a Literatura passa a constituir uma importante fonte histórica.

A História, principalmente como disciplina, traz de forma muito forte o rótulo de detentora da verdade. A Literatura que entre seus diversos mecanismos destaca-se o de reprodutora de ficção, lugares imaginados, personagens ficcionais, poderia abalar os discursos que estariam carregados de verdade. Mas Paul Veyne (1987: 139) chega a conclusão que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

vivemos em “programas de verdades”, onde a imaginação tem liberdade, de forma que cada lugar, cada época vive suas verdades. Assim, as verdades de um determinado lugar ou época são tão verdadeiras quantas outras verdades que existirem. Para Michel Foucault (2001, p.18) – que define os discursos como procedimentos de exclusão – a vontade de verdade é um dos grandes sistemas de exclusão (senão o maior deles). No conhecimento histórico, a visão dos acontecimentos passados está sempre mudando de acordo com as convicções de quem escreve, ou seja, a história vive num processo de mutação. A “verdade histórica” perde força ao ser observado que o trabalho historiográfico é antes de tudo uma interpretação da realidade, das verdades, onde a subjetividade é capaz de enveredar por muitos caminhos.

A contextualização do lugar, a linguagem do autor, a sociedade, os detalhes postos no texto, as instituições, são questões que envolvem o texto literário, e a partir dessas informações o aprendizado e o fascínio pela leitura, e o aprender em si, se dará de uma forma mais delicada aos olhos dos alunos e mais cheia de encantos, o que no geral provocará um interesse em aprender cada vez mais, sem que seja um martírio para os alunos ter que ler livros. Chartier (1990, p.16) afirma: “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais também mencionam a importância da articulação da História com outras disciplinas, onde afirma ter nessa prática uma das maneiras de desenvolver as habilidades dos alunos e fazê-los ter uma postura mais crítica com relação a questões sociais e culturais. Procurando contribuir com uma formação eficaz em relação ao ensino básico, já pensando nas influências que tais atividades trarão em cursos de nível superior, os PCNs afirmam: “...o ensino de História, articulando-se com as outras disciplinas, busca oferecer aos alunos possibilidades de desenvolver competências que os instrumentalizem a refletir sobre si mesmos...” (PCNs, 2006: p.67).

A atividade pedagógica pautada na interdisciplinaridade tem em seu princípio a busca da prática docente que vise o desenvolvimento das áreas cognitivas dos alunos, visando o desenvolvimento de competências e habilidades. Outro ponto importante é o de meio físico, que atenda as demandas da interdisciplinaridade, sendo necessária a presença de laboratórios,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

espaços que disponibilizem materiais didáticos, enfim, é preciso que tenha toda uma organização também física para um bom desenvolvimento das práticas pedagógicas interdisciplinares.

É necessário que seja feito um diálogo entre gerações, entre um leitor do século XXI e um autor que escreveu um romance três ou quatro séculos antes. A leitura, por exemplo, de textos de Shakespeare escritos no século XVII, pode fornecer um diálogo entre duas épocas totalmente diferentes, e com ela vir a emergir histórias privadas e não ditas de monarcas, de duques bem como histórias de camponeses, personagens que a História por vezes toma como atores coadjuvantes.

Enfrentar o paradoxo do compromisso com o real e a impossibilidade de alcançá-lo em plenitude leva a comunidade de historiadores a criar diferentes estratégias. Jacques Le Goff (2001), um dos mais expressivos representantes da terceira geração de Annales, diz, lembrando um dos fundadores da escola:

[Marc Bloch] não diz: a história é uma arte, a história é literatura. Frisa: a história é uma ciência, mas uma ciência que tem como uma de suas características, o que pode significar sua fraqueza, mas também sua virtude, ser poética, pois não pode ser reduzida a abstrações, a leis, a estruturas (LE GOFF, In: BLOCH, 2001, p.19).

A prática interdisciplinar é sustentada por um conjunto de teorias que analisam criticamente os processos pedagógicos e tentam dar ao mundo da educação mecanismos que atendam aos anseios propostos, onde busca despertar todos os que fazem parte, de algum modo, dos estreitos laços das práticas pedagógicas, e demonstrar que a aprendizagem deve se distanciar das afirmativas que colocam o processo de aprendizagem somente sob as diretrizes da razão e do intelecto. A educação e as práticas de aprendizagem devem se basear também em relações que deem espaço aos sentimentos, às emoções, a criatividade, ao diálogo, baseando-se numa pedagogia onde a dualidade ensinar-aprender esteja acima de disputas individuais entre disciplinas, mas que estejam juntas com o propósito de melhorar os processos de educação.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A Literatura é o complemento da História, e o mesmo pode ser dito da História em relação à Literatura. Enfim, talvez a melhor maneira para se conhecer e entender a História é através dos textos literários. E, se não for a melhor, com certeza é uma das mais prazerosas. Há casos, ainda, onde vamos perceber que a Literatura serve como ponte de se conhecer não só a cultura, como também a própria história. Trata-se de obras em que o enredo gira em torno de um acontecimento histórico. São ótimos exemplos obras como *Guerra e Paz*, de Tolstói, que descreve a campanha de Napoleão na Rússia, *Doze anos de escravidão*, que descreve os difíceis anos de um homem livre que se torna escravo nos Estados Unidos do século XIX. Há livros que de fato dão liberdade aos pensamentos, e o incentivo de tais leituras só contribuirão de forma positiva na construção de um indivíduo. A interdisciplinaridade antes de ser um método pedagógico é uma ponte firmada entre o mundo intelectual do aluno e o fantástico mundo da criatividade.

CONCLUSÃO

Nesse artigo buscamos evidenciar os benefícios trazidos pelas práticas interdisciplinares e fornecer, através de exemplos, embasamento teórico e prático com relação às práticas fundamentais, para que esse processo se estabelecesse e se fundamentasse, resultando em uma produtiva busca por uma tão sonhada prática pedagógica frutífera.

Portanto, a Literatura, detentora da nobre capacidade de criação e imaginação, seja ela expressa nos gêneros, crônica, conto, romance ou cordel, apresenta-se como uma configuração poética da realidade, que também agrega o imaginado, impondo-se como uma categoria de fonte especial para a história cultural de uma sociedade.

O apoio que a Literatura traz a uma sociedade no que se refere à história cultural é essa junção entre poesia do real e a imaginação. Na literatura de cordel, é bem fácil de ser visto essa prática, onde no enredo toda a constituição das bases históricas é feita, e a liberdade de ficção é sentida através das “histórias” e contos relatados. *O país de São Saruê* pode servir de exemplo em relação a essa imaginação que busca na interdisciplinaridade um meio de alcance maior de idéias, com o propósito de relacionar assuntos típicos da História com abordagens do âmbito literário.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A História e a Literatura cada uma em seu respectivo papel. A História mais voltada para o uso obrigatório de vestígios do passado, como, todos os tipos de documentos e tradições orais. Na Literatura, esse caráter mais voltado para questões que dêem impressão de “verdades” é traduzido em criatividade, em imaginação. A Literatura fica mais livre para criar suas próprias narrativas, suas aventura literárias, e com isso dar asas ao imaginário, fazendo o papel de agente formador de idéias no processo pedagógico.

O ensinar, ou o educar, então, segundo uma perspectiva interdisciplinar e, portanto, que tem em vista o objetivo de trabalhar com objetos complexos, envolve, no mínimo, sair dos limites fixos das previsibilidades disciplinares e lançar-se nas zonas escuras das incertezas; pois é aí que reside o múltiplo e com ele o poder criador do não previsível ou, no dizer de Gilles Deleuze e Felix Guattari (2006, p. 33) de “todo tipo de devires”. Faz-se necessário aí um rigor, inerente ao ensino sério e comprometido; livre, contudo, da clausura que limita os saberes à disciplinas isoladas em seus conhecimentos.

A interdisciplinaridade surge nas linhas dessa discussão como um processo pedagógico, como algo a ser alcançado de forma satisfatória, identificada na figura do professor, o agente que fará a diferença na construção dos processos de conhecimento. Retomando a idéia de Rubem Alves (2011), que enfatiza o papel do professor, e mais do que isso, o papel do educador, em se fazer preparado para realizar a tarefa de levar aos que estão esperando, os suportes educacionais da contextualização, da ligação entre temas, e entre disciplinas. Um aluno preparado não somente para os exames de vestibular, mas principalmente preparado para poder relacionar os conteúdos, e assim associar temas, mentalidades, e poder utilizar as narrativas literárias, fictícias ou não, na constituição dos saberes históricos.

A interdisciplinaridade visa garantir a constituição de um conhecimento globalizante, o Exame Nacional do Ensino Médio é um exemplo disso, mas além de grandes resultados nessas provas é preciso que tenha empenho em resultados mais “desinteressados”, sem grandes objetivos quantitativos, porém com excelentes aspectos qualitativos. Assim daremos um passo de cada vez em busca de uma educação mais voltada para os aparelhos



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pedagógicos de uma aprendizagem prazerosa, em contraponto a uma pedagogia dos resultados quantitativos e imediatos.

Para Paulo Freire (1987), a interdisciplinaridade é o processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade, com sua cultura. O conhecimento nunca irá abandonar completamente seu caráter de especialidade, haja vista que devido a seu processo de construção um sistema bastante sólido foi constituído, assim, cabe ao educador, reconstruí-lo juntamente com os alunos num processo que traga frutos e resultados produtivos.

O movimento interdisciplinar entre História-Literatura sempre será importantíssimo na articulação do processo ensinar-aprender. Tendo a potencialidade de auxílio mútuo, uma com a outra, na constituição de um modelo de ensino que ajude os educadores a levarem aos seus alunos uma forma mais abrangente de ensino, que traga consigo um divisor de águas, onde através desses métodos os alunos despertem seus valores, suas potencialidades, deixando todo poder de criatividade a disposição de sua aprendizagem e que a imaginação possa fruir e fazer seu papel de construtora de “mundos” já visitados ou ainda não visitados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Ao professor com carinho**. Rubem Alves [organização Raissa Castro Oliveira]. - Campinas, SP: Venus Editora, 2004.

ALVES, Rubem. **Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette**. São Paulo: Editora Planeta de Brasil, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

BRASIL, **Ciências humanas e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3).

FAZENDA, Ivani C. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, **Apologia da história ou O ofício de historiador**, op.cit., p. 19. – Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: EdUNICAMP, 1990.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade, os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2005.